

... Cadernos :: edição: 2003 - Nº 21 > Editorial > Índice > [Resumo](#) > **Artigo**

Alfabetização de surdos: apontando desafios

**Graciela Rodrigues
Helenise Sangoi Antunes**

Com o propósito de fazer algumas reflexões acerca desta etapa de escolarização, considerada uma das mais significativas dentro do processo de ensino aprendizagem, este trabalho abordará algumas questões referentes ao processo de alfabetização de alunos surdos. A partir de uma análise na qual a Língua de Sinais-LS é apontada como um dos caminhos que tem sido reveladores de uma prática pedagógica que leva em consideração as diversidades destes educandos, alguns desafios configuram-se no trabalho docente e que somente um educador comprometido com as mudanças e consciente que educação é um direito de todos, conseguirá efetivar um trabalho reflexivo com a realidade.

Palavras-chave: surdos, alfabetização, Língua de Sinais.

No decorrer dos anos diferentes visões a cerca da pessoa surda foram surgindo, assim como metodologias de trabalho. Durante muito tempo via-se a surdez como "patologia" e, portanto a pessoa surda era excluída do grupo social por ser considerada um doente. Todos os esforços eram no sentido de "curá-la" para que pudesse tornar-se o mais uniforme possível dos ouvintes, inclusive no setor educacional este era um dos principais objetivos da educação: normalizar o surdo.

E é justamente na escolarização dos surdos que se apresentam alguns obstáculos, e um destes obstáculos considero que seja o processo de alfabetização de crianças surdas, que é sobre o qual irei fazer algumas considerações e apresentar alguns desafios que se configuram neste processo. Embora se reconheça hoje que a pessoa surda tem uma linguagem diferenciada e que se utiliza da mesma para poder comunicar-se, várias barreiras apresentam-se, como por exemplo o desconhecimento da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Contudo, este é um dos caminhos necessários para um efetivo trabalho pedagógico de alfabetização dos alunos surdos, por resultar em um aprendizado mais significativo para ele, uma vez que está respeitando sua linguagem própria que é a Língua de Sinais-LS.

A busca por uma alfabetização de qualidade requer dos educadores uma constante elaboração e reelaboração de suas práticas, além da procura por caminhos que oportunizem a esses alunos com necessidades educativas especiais a viverem em um ambiente mais solidário e cidadão, com direito a uma educação que satisfaça suas necessidades tanto cognitivas quanto afetivas. "A respeito de necessidades educativas especiais é fundamental não desconsiderar sua interdependência com as demais necessidades humanas, como aquelas citadas por Maslow".(Mazzotta 1981p.35). Sendo assim, necessidades fisiológicas, de segurança, de participação social, de estima ou reconhecimento e auto-realização estão intrincadas nas necessidades educacionais comuns e especiais cuja realização inclui a atuação competente das escolas.

Investigar o processo de alfabetização de crianças surdas torna-se relevante na medida em que esta etapa de escolarização incorpora neste indivíduo uma série de novas relações e habilidades, como é o caso da aquisição da palavra escrita e da leitura que é oportunizada por meio do contato deste indivíduo com o mundo das letras. Além disso, esta etapa da aprendizagem é um momento de inicialização de caminhos a serem percorridos pela criança e que refletirão em sua vida pessoal, social, psicológica e educacional.

É oportuno considerar que desde seu nascimento a criança encontra-se imersa em relações sociais, sendo a família o primeiro grupo social base a estabelecer vínculos com a mesma. Dentro deste grupo de relações a linguagem é o instrumento com o qual se torna possível o estabelecimento e a imersão da criança no mesmo. De acordo com Góes:

o modo e as possibilidades dessa imersão são cruciais na surdez, considerando-se que é restrito ou impossível, conforme o caso, o acesso a formas de linguagem que dependam de recursos de audição.

Sobretudo nas situações de surdez congênita ou precoce, em que há problemas de linguagem falada, a incorporação da língua de sinais mostra-se necessária para que sejam configuradas condições mais propícias à expansão das relações interpessoais. (1996 p.38).

A língua de sinais apresenta-se como o elemento indispensável nas relações sociais no qual a criança está inserida e também em sua escolarização, pois será o meio de linguagem da criança surda entre si e com as demais pessoas, sendo também importante no trabalho de alfabetização. Tendo em vista que a LS é significativa no processo de alfabetização desses alunos, infelizmente nossas escolas,

ainda encontram-se despreparadas no sentido de um ambiente adequado, pois necessitam, primeiramente, conhecer a LS, contar com a presença de um instrutor surdo que servirá além de modelo de identidade surda também irá realizar a correspondência, do que está sendo ensinado, em Língua de Sinais à criança.

É possível confirmar, segundo Bueno que uma das características mais relevantes no processo de alfabetização de surdos é a seguinte:

O ensino da leitura e escrita para deficientes auditivos esbarrou sempre nos problemas relacionados com sua dificuldade de comunicação em geral. Como a escrita foi sempre ensinada às crianças ouvintes em correspondência com a linguagem oral, este também foi o caminho seguido pelos educadores de crianças surdas.(1982 p.38).

Confirma-se que o objetivo principal dentro do contexto de alfabetização é a aprendizagem e a compreensão da escrita e da leitura, porém alfabetizar implica compreender, também, todos esses fatores: físicos, cognitivos e os sociais. Quando a criança chega à escola, já possui muitos conhecimentos acerca da escrita e da leitura, porém passa a utilizar esses conhecimentos num contexto diferenciado daquele natural e cotidiano, com o qual está familiarizada, ou seja, depara-se com uma linguagem nova, formal e padronizada, a fim de que possa escrever e compreender textos escritos (descontextualizar). Buscando exemplificar é oportuno as seguintes questões: como ocorre essa troca de contextos com o aluno surdo? Será que podemos fazer alguma comparação com o aluno ouvinte?

Ao entrar na escola a criança ouvinte traz consigo uma bagagem lexical e as estruturas lingüísticas quase todas estruturadas ao passo que o surdo, devido a sua condição poderá tardar a sua aquisição. Mas, isto não quer dizer que se encontra menos capacitado que o ouvinte ou em desvantagem e, é exatamente neste aspecto que reside um grande desafio na alfabetização desses alunos que é a aquisição da leitura e da escrita em seu sentido mais amplo e complexo.

Os conhecimentos lingüísticos das crianças surdas podem apresentar sérias deficiências no que se refere ao domínio de suas estruturas, sobretudo na produção escrita, caso não sejam mediados adequadamente. De acordo com Fernandes essas deficiências podem ser demonstradas por:

Dificuldades como léxico, falta de consciência de processos de formação de palavras, desconhecimento da contração de preposição com o artigo, uso inadequado das preposições, omissão de conetivos em geral e de verbos de ligação, troca do verbo ser por estar, uso indevido dos verbos estar e ter, colocação inadequada do advérbio na frase, falta de domínio e uso restrito de outras estruturas de subordinação. (1990 p.34).

Porém, pesquisas nesta área afirmam que alguns familiares de alunos surdos em fase de alfabetização percebem que o uso dos sinais para eles pode ativar a sua competência lingüística, facilitando a aprendizagem do Português na modalidade escrita, principalmente por aumentar a compreensão.

Vygotsky (1996) em seus estudos relaciona a apropriação da linguagem escrita com o amadurecimento da representação simbólica; para ler e escrever, as crianças não necessitam restringir-se aspecto sensorial da fala e do significado das palavras, trabalhar com o símbolo que é fundamental.

A Língua de Sinais pode, nesse sentido, viabilizar a interação entre os sujeitos, de modo a favorecer um contexto propício para a aquisição da linguagem escrita pelo surdo. As atividades lúdicas podem, também, intermediar o processo de aprendizagem, pois permitem à criança a apropriação de códigos culturais compartilhados por ela e pelo grupo dando sentido ao que está aprendendo. Além disso, o aluno surdo descobre-se como um ser autônomo e responsável, capaz de produzir seu próprio conhecimento em reciprocidade com seu grupo de sala de aula, seja de ouvintes ou de surdos.

No processo de alfabetização, o despertar para a escrita e a maneira como concretizar isso são fatores que devem ser levados em consideração pelo professor, a partir do interesse da criança pelo o que está sendo proposto. Nesse sentido, Battistel salienta, "a importância de se planejar seu ensino de modo que este se torne necessário e tenha significado para a criança, que seja incorporado a uma atividade necessária e relevante à vida. Que não se desenvolva como uma simples habilidade de mãos e dedos, mas como uma atividade cultural complexa".(1994, p.53). Sendo assim, não pode ocorrer aprendizagem se esta não se encontrar contextualizada com o ambiente sócio-cultural e nas relações com os demais, pois aprendemos na troca, nas experiências socializadas com as pessoas com as quais convivemos.

Em relação ao aluno usuário da LS, torna-se necessário considerar que essa língua irá ser a mediação entre ele e seus pares, contribuindo para o processo de construção do conhecimento, que não ocorre afastado da utilização da linguagem seja ela de sinais ou não. Pode-se constatar na realidade atual, que a Língua de Sinais vem tomando espaço na sala de aula caracterizando-se, portanto como fundamental no contexto escolar. Alunos e professores demonstram estarem empenhados a contribuir para que se solidifique e oportunize um contexto lingüístico favorável a uma educação comprometida e de qualidade aos educandos. É preciso ressaltar ainda, que para a concretização deste ambiente é de

fundamental importância a presença do instrutor surdo no ambiente escolar.

Valorizar os conhecimentos prévios dos alunos na etapa de alfabetização torna-se componente imprescindível, porque cada criança traz consigo diferentes vivências e que na maioria das vezes é na escola, principalmente na sala de aula, que se manifestam os valores oriundos de sua situação sócio-cultural. Realizar um diagnóstico a fim de conhecer os saberes que nossos alunos trazem consigo antes de iniciar o processo de alfabetização é um aspecto básico, conforme aponta Ferreiro & Teberosky (1979). Neste trabalho, as autoras afirmam que as crianças não chegam à escola vazias, sem saber nada sobre a língua. De acordo com a teoria, toda criança passa por quatro fases até que seja alfabetizada:

- Pré-silábica: não consegue relacionar as letras com sons da língua falada;
- Silábica: interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada letra;
- Silábico-alfabética: mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas;
- Alfabética: domina, enfim, o valor das letras e sílabas.

Respeitar o nível de desenvolvimento e a maneira pela qual a criança adquira o conhecimento a respeito da leitura e escrita é importante para que o professor saiba como agir em sua prática. Cabe a este educador organizar atividades que contribuam a reflexão da criança sobre a escrita, pois é atribuindo sentido e significados ao está fazendo é que ela aprende. Quanto ao respeito à diversidade dos alunos, no que se refere a alunos surdos, é oportuno destacar algumas considerações de Góes:

A deficiência não torna a criança um ser que tem possibilidades a menos; ela tem possibilidades diferentes. A deficiência não deve ser concebida como falta ou fraqueza, já que o indivíduo pode encontrar, a partir das relações sociais, outras formas de desenvolvimento com base em recursos distintos daqueles tipicamente acessíveis na cultura. (1996 p.35).

A ênfase encontra-se em trabalhar com as competências, com o que a criança é capaz de nos proporcionar e não se restringir a um trabalho que está voltado somente às falhas e erros das crianças. Por outro lado, não apontar os "erros" pode torna-se um processo passivo em que o educador está cumprindo um papel de espectador e não de desafiador dos progressos das crianças, respeitando-as e encorajando-as a progredirem em seus estágios de maturação.

No processo de ensino da leitura e escrita ao surdo, é fundamental que a LS, como primeira língua dos surdos, favoreça as estruturas cognitivas que o ato de ler e escrever demandam. Da mesma maneira, quanto mais precoce for o aprendizado da LS, maior será sua contribuição no momento da escrita e, em seguida, essa escrita dará ferramentas indispensáveis para o enriquecimento do léxico em LS. Sacks ressalta que:

A língua de sinais deve ser introduzida e adquirida o mais cedo possível, senão seu desenvolvimento pode ser permanentemente retardado e prejudicado, com todos os problemas ligados à capacidade de "proposicionar" [...] no caso dos profundamente surdos, isso só pode ser feito por meio da língua de sinais. Portanto, a surdez deve ser diagnosticada o mais cedo possível. As crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros. Assim que a comunicação por sinais for aprendida, e ela pode ser fluente aos três anos de idade, tudo então pode decorrer: livre intercurso de pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e escrita e, talvez, da fala. Não há indícios de que o uso de uma língua de sinais iniba a aquisição da fala. De fato, provavelmente, ocorre o inverso. (1998 p. 44):

Dessa forma percebe-se que a instauração de um trabalho eficiente de alfabetização demanda o reconhecimento de que a língua de sinais é importante e imprescindível por possibilitar o domínio lingüístico e a capacidade de expressar-se de forma plena e segura; e a aprendizagem da leitura ou escrita em Português possibilitará a comunicação com o meio. Nesta perspectiva, a escrita representa o direito de exercer cidadania, através da participação da vida política, social e econômica do lugar em que vive. É importante destacar o papel da família no processo evolutivo da criança, devendo proporcionar um ambiente de afeto, apoio e aceitação de seu filho, somente assim ele poderá desenvolver-se de maneira a ter uma vida ativa, exercendo seus direitos enquanto cidadão.

Diante deste enfoque, precisamos refletir sobre as práticas pedagógicas que estão sendo utilizadas, tendo em vista conhecermos diferentes estudos e enfoques que tem permeado as discussões sobre a alfabetização de surdos, no Brasil e no mundo. Considerando que a educação de qualidade para todo e qualquer indivíduo é um direito, cuja responsabilidade para sua efetivação real cabe a cada um de nós, a LS assume o caminho principal para a efetivação de uma educação de qualidade a esses alunos.

Acrescento que um dos fatores essenciais do desenvolvimento humano a nível social reside na tolerância e respeito à heterogeneidade das pessoas, que transferindo para a sala de aula, são as trocas interpessoais que irão favorecer a criança surda enquanto cidadã o processo de desenvolvimento de relações sociais.

A escola, enquanto instituição formal de ensino aprendizagem, deverá considerar o

desenvolvimento das crianças surdas como um processo social, assim como suas experiências de linguagem concebidas como instâncias de significação e de mediação em suas relações culturais, nas trocas com o outro. Além disso, a LS dentro do processo de alfabetização configura-se como instrumento mediador e cultural neste ato educativo. Referindo-me as questões metodológicas na alfabetização de surdos, é peculiar que o educador tenha uma nova postura de trabalho, ou seja, que esteja inserido dentro de um contexto atual de educação e que busque o aprimoramento de seus conhecimentos em Educação Especial.

Concluo que os desafios dentro do processo de alfabetização de crianças surdas são complexos, mas que gradualmente podem ser superados, desde que não estejamos arraigados a uma concepção de surdo como um deficiente na esfera lingüístico-comunicativa ou então de construção de uma identidade social, pois assim nosso trabalho pedagógico não se tornará diferenciado, uma vez que estará impregnado por estes fatores. Devemos conceber que não são nossos traços ou características deficitárias que nos tornam diferentes, mas sim o processo de construção de identidade de cada um de nós.

Referências Bibliográficas

- BATTISTEL, A.L. O processo de aquisição da linguagem escrita em uma tenra idade. Santa Maria: UFSM, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação), 1994.
- BUENO, J. G. Alfabetização do deficiente auditivo: estudo sobre a aplicação de abordagem analítica. São Paulo: PUCSP, 1982. Dissertação (Mestrado em Ciências), 1982.
- FERNANDES, E. Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- FERREIRA, E. TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1979.
- GÓES, M. C. R. Linguagem, surdez e educação. Campinas: Autores Associados, 1996.
- MAZZOTA, M. J. A educação do deficiente auditivo: escola-família-comunidade. São Paulo: SE/CENP, 1981.
- SACKS, O. Vendo vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Cadernos :: edição: 2003 - Nº 21 > Editorial > Índice > [Resumo](#) > **Artigo**